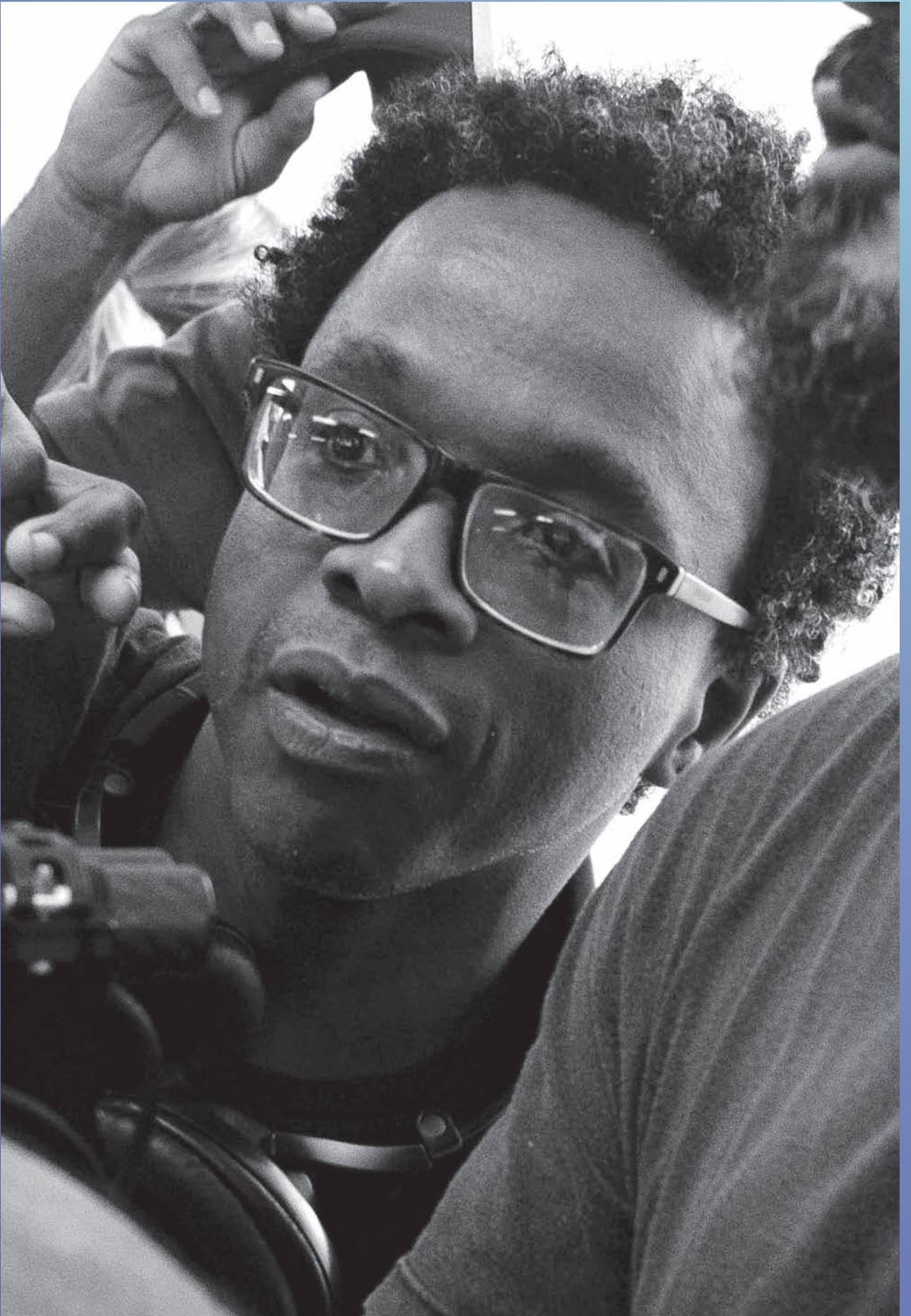


Cinema negro, segundo Jeferson De

Cineasta e autor do Dogma Feijoada
reflete sobre suas influências e sua carreira

POR **JOANA OLIVEIRA***

TEXTO SELECIONADO NO EDITAL FILME CULTURA EDIÇÃO 64



JEFERSON DE consolidou-se como um dos principais diretores do cinema negro e do audiovisual brasileiro contemporâneo. Com mais de 20 anos de história, o Dogma Feijoada, lançado em 1999, de sua autoria, propõe sete mandamentos para a inclusão dos afro-brasileiros no audiovisual:

1 O FILME TEM DE SER DIRIGIDO POR REALIZADOR NEGRO BRASILEIRO.

2 O PROTAGONISTA DEVE SER NEGRO.

3 A TEMÁTICA DO FILME TEM DE ESTAR RELACIONADA COM A CULTURA NEGRA BRASILEIRA.

4 O FILME TEM DE TER UM CRONOGRAMA EXEQUÍVEL. FILMES-URGENTES.

5 PERSONAGENS ESTEREOTIPADOS NEGROS (OU NÃO) ESTÃO PROIBIDOS.

6 O ROTEIRO DEVERÁ PRIVILEGIAR O NEGRO COMUM BRASILEIRO.

7 SUPER-HERÓIS OU BANDIDOS DEVERÃO SER EVITADOS.

Nesta entrevista, o diretor é convidado a voltar seu olhar ao passado, ao presente e ao futuro dos cinemas negros no Brasil.

FILMECULTURA Que mudanças estruturais no país e na indústria cultural impactaram sua produção cinematográfica nestes mais de 20 anos de atividade?

JEFERSON DE Uma das grandes mudanças no audiovisual foi a questão da tecnologia. O aumento do número de canais com a TV a cabo, depois o VoD (*Video on Demand*) e agora o *streaming*, que tornou possível assistir a filmes, telenovelas, *sitcoms*, jornalismo, em vários suportes, como em celulares, dispositivos móveis, *tablets*, computadores – o que no início da minha história cinematográfica não era possível. É notável também um barateamento da tecnologia tanto do ponto de vista da produção, quanto da exibição dessas obras. Essas novas plataformas foram importantes para a democratização do audiovisual: hoje é muito mais fácil assistir a um filme coreano, iraniano ou americano independente. Nesse sentido, também observo muitas mudanças. Porém, a democratização da produção não tem ocorrido na mesma proporção ou rapidez

FC Que aspectos da cultura e da experiência afro-brasileira busca retratar em suas produções?

JD Eu, como vim do interior de São Paulo, não de grandes capitais, tendo um aspecto familiar muito forte, com mulheres e homens fortes, quando vou pensar em meus filmes, gosto de pensar nos personagens, de trabalhar de maneira muito próxima com o ator, de abordar aquilo que, mesmo depois de tantos anos,

ainda não vi retratado. Apresentar o que no Dogma Feijoada chamaria de “privilegiar o negro comum brasileiro”, aqueles que não são os heróis ou os bandidos. Este lugar intermediário: o retrato do negro brasileiro que não está nem na Marquês de Sapucaí, nem com a arma na mão, cometendo crimes ou mesmo os famosos jogadores de futebol. O que me interessa é o brasileiro comum: as mulheres negras, que são a grande maioria da população brasileira, os homens negros sempre nas batalhas cotidianas. Gosto desse retrato, isso me parece habitual ao longo das minhas obras.

Carolina de Jesus foi uma grande escritora, mas busquei, no curta *Carolina* (2003), o retrato corriqueiro, o texto que aborda o cotidiano. No *M8 - Quando a morte socorre a vida* (2019) tratamos os aspectos da vivência do jovem periférico e universitário, em *Doutor Gama* (2021), temos o grande advogado Luiz Gama, mas há vários momentos sobre sua vida comum.

No *Correndo atrás* (2018), que é minha obra mais recente, também se encontra esse retrato do homem negro que não tem profissão definida e que, por isso, se sente livre para estabelecer uma série de relações trabalhistas, de amizade, de criar um elo com sua comunidade, que se mantém solto para ir para São Paulo, para a China, para o Rio de Janeiro. É o negro comum brasileiro que gosto muito de privilegiar nesses retratos cinematográficos.

FC Que personalidades, produções e movimentos serviram de influência e referência em sua produção e trajetória artística?

JD Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento e Milton Santos, que é alguém que conheci no cotidiano universitário no período que cursava filosofia na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), na Universidade de São Paulo. Tomei muitos cafés com ele, eu aluno e ele um grande intelectual. Ainda não conhecia tão profundamente a sua obra, então, tomávamos café como dois amigos na Cidade Universitária. Muitos outros me influenciaram: James Baldwin, que li muito; Ralph Ellison de *O Homem invisível*; Machado de Assis, com seus personagens com muita vida interior; Spike Lee; Scorsese.

Mas, obviamente, uma grande influência para minha obra cinematográfica é o Zózimo Bulbul – ator, diretor, produtor, roteirista, negro, brasileiro. Zózimo atuou no filme *Compasso de espera*, dirigido por Antunes Filho, de 1973, fundamental na cinematografia brasileira. Ele dirigiu um filme que considero o fundador para se pensar um cinema negro brasileiro, que é *Alma no olho*, um curta-metragem em que ele também atua e que conta a história negra no Brasil. Então, para mim, ele é a grande referência. Quando o conheci, ele representou para mim um ponto de virada. Passamos muito tempo juntos, fomos para a África, para Senegal, Burkina Faso, Cabo Verde. Quase desenvolvemos uma relação paternal e, para além disso, houve uma questão artística muito forte, a ponto de partilharmos muitas experiências. Participei, por exemplo, de momentos iniciais da criação do Centro Afro-Carioca.

Um ponto forte de mudança na minha história mais recente foi *Moonlight* (2016), de Barry Jenkins. Este filme aprofundou muitas questões sobre a beleza cotidiana da vida que sempre tentei transpor.

Busco também ter referência de outros campos, como da música. Surgi ao lado de outros artistas, em torno da gravadora Trama, como Max de Castro, Simoninha, Otto. Além da música negra brasileira: Grupo Abolição, Jorge Ben Jor, Tim Maia, Carlos Dafé, busco as referências da minha ambiência familiar, que foi e é muito musical. Há também referências do universo internacional: de Stevie Wonder, do *pop* a John Coltrane.

FC É notável a presença de homenagens em seus filmes. Pode falar sobre algumas delas?

JD Gosto muito de homenagear e fazer referência à história negra, a ícones negros que, para mim, são importantes. Em meus curtas, no *Distraída pra morte*, por exemplo, há uma série de homenagens, como a Carolina de Jesus, mas principalmente a Wilson Simonal, assim como no *Narciso Rap*, que é dedicado a ele. No curta *Carolina*, que fala sobre Carolina de Jesus, também há uma referência que é dedicada à ativista negra Maurinete Lima.

No filme *Bróder* (2011), há muitas referências explícitas a *Macunaíma*, o nome do protagonista Macu, o grafite do Mário de Andrade na saída da boate, o nome da melhor amiga de Macu que se chama Cilene em apologia à Ci, da mesma obra. No *Correndo Atrás*, há homenagens a Benjamin de Oliveira, a Grande Otelo, interpretado no filme por Antonio Pitanga, a Cláudio Adão, do futebol, a Paulo César Caju, a Michael Jackson, à Tia Ciata, à Clementina de Jesus, à Dona Ivone Lara, a Mussum, como grande ícone do humor.

Para mim, existe uma visível intenção de homenagear esses meus ídolos, aqueles e aquelas que de certa forma são responsáveis pela minha formação artística e estética.

O que me interessa é o brasileiro comum: as mulheres negras, que são a grande maioria da população brasileira, os homens negros sempre nas batalhas cotidianas. Gosto desse retrato, isso me parece habitual ao longo das minhas obras.

FC O lançamento do filme *Correndo Atrás* coincidiu com a maioria do movimento Dogma Feijoada. Você acha que cumpriu os objetivos que você e seus colegas postularam em 2000? De que maneira? O que ele representa para você nesta trajetória?

JD O filme *Correndo atrás* representa um ponto de maturidade, um momento em que pude convidar grandes atores e que contei com um orçamento maior. Um filme que eu tinha o desejo de exibir em grandes festivais voltados à cultura *black* nos Estados Unidos, o que de fato aconteceu. O filme foi exibido no *Pan-African Film Festival*, de Los Angeles, no *Lincoln Center*, que de certa forma é a “Meca” do cinema americano em Nova Iorque. Foi também exibido em Miami, Rússia, Roma e Lisboa, mesmo antes de estrear no Brasil, onde só foi exibido em alguns festivais, como em Goiânia. Ele marca também um momento de reconhecimento do meu trabalho na cidade de São Paulo, onde eu nasci como artista, pois foi exibido na abertura do Festival de Cinema Latino-Americano, em julho de 2018.

É um momento também em que eu consegui apresentar o Dogma Feijoada condensado em um longa-metragem. Foi possível lançar o filme comercialmente em sua forma mais plena: com o escritor tanto do livro em que nos baseamos, como com o roteirista com quem escrevi o filme, Hélio de La Peña; com uma equipe com grandes lideranças negras, com Gabriela Cunha no som, Cristiano Conceição na fotografia, eu na direção, BNegão na trilha sonora; um elenco que conta com Aílton Graça, Juliana Alves, Lázaro Ramos, Lellêzinha, o próprio Hélio e, como jovem ator negro, Juan Paiva.

Acho que isso também marca bases para novos realizadores e realizadoras que desejam fazer obras que se comuniquem com a população brasileira, que consigam levantar os recursos, fazer parcerias que reconheçam ser verdadeiramente interessantes. Minha produtora, a Buda Filmes, é coprodutora do longa, então, pudemos participar de todas as etapas da produção, tornando esse momento não só de maturidade artística, mas também empresarial, o que é fundamental para quem faz cinema.

Cada realizador e realizadora, cada artista negro, tem que traçar seu próprio caminho, a partir das bases dos que vieram antes de nós.

FC Gostaria que falasse um pouco de que tipo de permanências e transformações ocorreram em sua vida artística nessas mais de duas décadas de *Dogma Feijoadá* e o que pretende manter ou reconfigurar daqui para frente?

JD Bom, uma das principais transformações que vêm acontecendo na minha vida artística é a aproximação maior com as artes plásticas, com uma série de elementos e estudos de profundidade, densidade de cor, luminância. Um conhecimento sobre alguns pintores, como Chris Ofili, artista plástico inglês, e Kerry James Marshall, que tem um trabalho muito interessante sobre pessoas negras em ambientes escuros e que intensificou minha investigação sobre o retrato da pele negra sob baixa luminosidade.

Além disso, experiências profissionais, como ter mergulhado na televisão, ter dirigido séries para novas plataformas. Creio que, entre um filme e outro, é sempre bom manter o exercício cinematográfico. As séries hoje têm uma proximidade muito intensa com o cinema e com a experiência da sala de cinema. Nesse formato você tem possibilidades de aprofundamento dramático e estético por vezes mais interessante do que em duas horas de um filme.

FC Como novos idealizadores e criadores afrodescendentes do audiovisual podem continuar seus passos e fortalecer a produção negra no Brasil?

JD Eu creio que cada realizador e realizadora, cada artista negro, tem que traçar seu próprio caminho. As bases vêm de Benjamin de Oliveira, Afrânio Vital, Waldir Onofre, Adélia Sampaio, Zózimo Bulbul, Antonio Pitanga, todos realizadores que vieram antes de nós – e eu me coloco também nessa história, afinal, tenho muitos cabelos brancos –, dos quais podemos aproveitar a experiência. É fundamental conhecer e dizer que temos uma história, que começa com esses nomes e vai até uma novíssima geração, que está em Minas Gerais, com André Novaes, no Rio Grande do Sul, com Camila Moraes, no Rio de Janeiro, na Bahia, aqui em São Paulo também. Cada um desenhando seu caminho.

FC Você tem a oportunidade de estar junto com muitos jovens realizadores em diversos eventos fundamentais. Nesses contatos, pelas experiên-

cias que você ouve e observa, você considera que as dificuldades que enfrentou ainda são uma recorrência para estes jovens homens e mulheres?

JD Sem dúvida, ocorreram dificuldades no passado e as que surgem hoje são, muitas vezes, outras. Talvez seja muito mais fácil produzir um filme atualmente, por conta da tecnologia, sendo possível, com um telefone celular, gravar um filme em 4K com som razoável. As salas de cinema, porém, permanecem um privilégio do homem branco, um privilégio das grandes corporações, não é fácil alcançá-las. Hoje temos outros meios de exibição e produção, mas o que chamamos de “cinema clássico”, em termos de alcance e transmissão, mantém-se um espaço de poder para poucos. Então, muitos dos desafios de como tornar um filme exequível colocados no Dogma Feijoada ainda estão presentes.

FC **Que produções recentes nacionais e internacionais contribuem para o fortalecimento da presença negra no audiovisual?**

JD Falando de obras mais recentes, o filme *Pantera Negra* é uma grande referência; assim como a obra de Spike Lee, *BlacKkKlansman*. E quando o cinema brasileiro vai bem, como com *Tropa de elite*, *Cidade de Deus*, filmes que são conhecidos internacionalmente, portas são abertas aos realizadores negros, embora nem sempre com o retrato que nós negros faríamos sobre nossa realidade.

Hoje me coloco como apenas uma dessas presenças. Temos muitos estudiosos pensando nosso cinema, levando-o a congressos e simpósios, que é também essencial a uma cinematografia: que ela não só seja realizada do ponto de vista de produção, mas debatida. Então, acho que, neste momento, cabe também a críticos e acadêmicos escreverem e pensarem nosso cinema como uma história que começa, quem sabe, até antes de Benjamin de Oliveira, mas que temos como nosso marco, e que apresenta hoje muitos realizadores: Vinícius Silva, Fábio Rodrigo, Viviane Ferreira e tantas outras e outros que estão produzindo seus filmes e que marcam sua presença hoje no mundo, não só na cinematografia brasileira, não só com longas-metragens, mas com seus curtas e suas obras que estão passeando pela rede. O futuro pertence à vanguarda negra do audiovisual. ■

***JOANA OLIVEIRA** É MESTRANDA EM HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO E TRABALHOU COMO ASSISTENTE DE PRODUÇÃO NA PRODUTORA CINEMATOGRAFICA BUDA FILMES, DE JEFERSON DE E CRIS ARENAS.

A ENTREVISTA FOI REALIZADA EM 2018 E REVISADA EM 2023.